

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I
CAPÍTULO V – CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA
SONAMBÚLICA

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Explicação do fenômeno de lucidez	Obras Póstumas	03
Obras Póstumas	O Consolador	06
Sonâmbulos Assalariados	Revista Espírita 1959	08

Parte I

Capítulo IV – Causa e natureza da clarividência sonambúlica

I – Explicação do fenômeno de lucidez

Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado de vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados e que até podem ser abrigados dos raios luminosos, de maneira a afastar todo motivo de suspeita. Ao demais, a visão a distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista.

Forçoso é, pois, se admita que no estado de sonambulismo um sentido novo se desenvolve, como sede de faculdades e de percepções novas, que desconhecemos e das quais não nos podemos aperceber, senão por analogia e pelo raciocínio.

Bem se vê que nada de impossível há nisso; mas, qual a sede desse novo sentido? Não é fácil determiná-la com exatidão.

Nem mesmo os sonâmbulos fornecem a tal respeito qualquer indicação precisa. Uns há que, para verem melhor, aplicam os objetos sobre o epigastro, outros sobre a fronte, outros no occipital.

O sentido de que se trata não parece, portanto, circunscrito a um lugar determinado; é, todavia, certo que a sua maior atividade reside nos centros nervosos.

O que é positivo é que o sonâmbulo vê. Por onde e como? É o que nem ele mesmo pode explicar.

Notemos, porém, que, no estado sonambúlico, os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham são essencialmente diferentes do que se passa no estado ordinário, pelo que não nos serviremos do termo **ver**, senão por comparação e por nos faltar naturalmente um com que designemos uma coisa desconhecida.

Um povo composto de cegos de nascença certo careceria de uma palavra para designar **a luz** e referiria as sensações que ela produz a alguma das que lhe fossem familiares por lhes estar ele sujeito.

Alguém procurava explicar a um cego a impressão viva e deslumbrante da luz sobre os olhos.

Compreendo, disse ele, **é como o som de uma trombeta**.

Outro, um pouco mais prosaico sem dúvida, ao qual queriam fazer que compreendesse a emissão dos raios luminosos em feixes ou cores, respondeu: **Ah! sim, é como um pão de açúcar**.

Estamos nas mesmas condições, relativamente à lucidez sonambúlica: somos verdadeiros cegos e, do mesmo modo que estes últimos com relação à luz, comparamo-la ao que tem mais analogia com a nossa faculdade visual.

Mas, se quisermos estabelecer uma analogia absoluta entre essas duas faculdades e julgar de uma pela outra, forçosamente nos enganaremos, como os dois cegos que acabamos de citar.

É esse o erro de quase todos os que procuram pretensamente convencer-se pela experiência: intentam submeter a clarividência sonambúlica às mesmas provas que a vista ordinária, sem ponderarem que entre elas a única relação existente é a do nome que lhes damos.

Daí, como os resultados nem sempre lhes correspondem à expectativa, acham mais simples negar.

Se procedermos por analogia, diremos que o fluido magnético, disseminado por toda a Natureza e cujos focos principais parece que são os corpos animados, é o veículo da clarividência sonambúlica, como o fluido luminoso é o veículo das imagens que a nossa faculdade visual percebe.

Ora, assim como o fluido luminoso torna transparentes corpos que ele atravessa livremente, o fluido magnético, penetrando todos os corpos sem exceção, torna inexistentes os corpos opacos para os sonâmbulos. Tal a explicação mais simples e mais material da lucidez, falando do nosso

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo V)

ponto de vista. Temo-la como certa, porquanto o fluido magnético incontestavelmente desempenha importante papel nesse fenômeno; ela, entretanto, não poderia elucidar todos os fatos. Há outra que os abrange todos; mas, para expô-la, fazem-se indispensáveis algumas explicações preliminares.

Na visão a distância, o sonâmbulo não distingue um objeto ao longe, como o faríamos nós com o auxílio de uma luneta. **Não é que o objeto, por uma ilusão de ótica, se aproxime dele, ELE É QUE SE APROXIMA DO OBJETO.**

O sonâmbulo vê o objeto exatamente como se este se achasse a seu lado; vê-se a si mesmo no lugar que ele observa; numa palavra: transporta-se para esse lugar. Seu corpo, no momento, parece extinto, a palavra lhe sai mais surda, o som da sua voz apresenta qualquer coisa de singular; a vida animal também parece que se lhe extingue; a vida espiritual está toda no lugar aonde o transporta o seu próprio pensamento: somente a matéria permanece onde estava.

Há pois uma certa porção do ser que se lhe separa do corpo e se transporta instantaneamente através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade. Evidentemente, é imaterial essa porção; a não ser assim, produziria alguns dos efeitos que a matéria produz. É a essa parcela de nós mesmos que chamamos: **a alma.**

É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ele goza. A alma é quem, dadas certas circunstâncias, se manifesta, isolando-se em parte e temporariamente do seu invólucro corpóreo.

Para quem quer que haja observado com atenção os fenômenos do sonambulismo em toda a sua pureza, é patente a existência da alma, tornando-se-lhe uma insensatez demonstrada até a evidência a idéia de que tudo em nós acaba com a vida animal.

Pode-se, pois, dizer com alguma razão que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis. Se alguns magnetizadores se afastam desta regra e professam as doutrinas materialistas, e sem, dúvida que se não cingido a um estudo muito superficial dos fenômenos físicos do Magnetismo e não procuram seriamente a solução do problema da visão a distância.

Como quer que seja, nunca vimos um único **sonâmbulo** que não se mostrasse penetrado de profundo sentimento religioso, **fossem quais fossem suas opiniões no estado vígil.**

Voltemos à teoria da lucidez. Sendo a alma o princípio básico das faculdades do sonâmbulo, necessariamente nela é que reside a clarividência e não nesta ou naquela parte circunscrita do corpo material.

Essa a razão por que o sonâmbulo não pode indicar o órgão dessa faculdade, como designaria os olhos, se se tratasse da visão exterior. Ele vê por todo o seu ser moral, isto é, por toda a sua alma, visto que a clarividência é um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo.

Onde quer, pois, que a alma possa penetrar, há clarividência; essa a causa da lucidez dos sonâmbulos através de todos os corpos, sob os mais espessos envoltórios e a todas as distâncias.

Uma objeção, como é natural, se apresenta a esse sistema e apressamo-nos a responder a ela. Se as faculdades sonâmbúlicas são as mesmas da alma desprendida da matéria, por que não são constantes essas faculdades? Por que alguns sonâmbulos são mais lúcidos do que outros?

Por que, num mesmo indivíduo, a lucidez é variável?

Concebe-se a imperfeição física de um órgão; mas não se concebe a da alma.

Esta se acha presa ao corpo por laços misteriosos que não nos fora dado conhecer antes que o Espiritismo houvesse demonstrado a existência e o papel do perispírito. Tendo sido esta questão tratada de modo especial na Revista Espírita e nas obras fundamentais da doutrina, não nos estenderemos aqui sobre ela, limitando-nos a dizer que é pelos nossos órgãos materiais que a

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo V)

alma se manifesta ao exterior. Em nosso estado normal, essas manifestações ficam naturalmente subordinadas à imperfeição do instrumento, do mesmo modo que o melhor artífice não pode fazer obra perfeita com utensílios ruins. Assim, por muito admirável que seja a estrutura do nosso corpo, qualquer que tenha sido a providência da Natureza, com relação ao nosso organismo, para o exercício das funções vitais, acima desses órgãos sujeitos a todas as perturbações da matéria, há a sutileza da nossa alma. Enquanto, pois, ela se conserva presa ao corpo, sofre-lhe os entraves e as vicissitudes.

O fluido magnético não é a alma; é um liame, um intermediário entre a alma e o corpo. Atuando mais ou menos sobre a matéria é que ele torna mais ou menos livre a alma, donde a diversidade das faculdades sonambúlicas. O sonâmbulo é o homem despojado apenas de uma parte das suas vestiduras e cujos movimentos são embaraçados pelo que lhe resta dessas vestiduras.

Somente quando tem alijado de si os últimos restos da ganga terrena, como a borboleta que abandona a sua crisálida, encontra-se a alma na plenitude de si mesma e goza de liberdade completa no uso de suas faculdades.

Se houvesse um magnetizador bastante poderoso para dar liberdade absoluta à alma, romper-se-ia o liame terrestre e a morte imediata se seguiria.

O sonambulismo, portanto, fez que puséssemos o pé na vida futura; ergueu uma ponta do véu sob que se ocultam as verdades que o Espiritismo nos faz hoje entrever.

Não na conheceremos, todavia, em sua essência, senão quando nos houvermos desembaraçado por completo da cobertura material que neste mundo a obscurece.

80. Qual é, nos fenômenos espíritas ou sonambúlicos, o limite onde se detém a ação própria da alma humana e onde começa a dos Espíritos?

Essa divisão não existe, ou melhor, nada tem de absoluta. Desde o instante em que não são, de nenhum modo, espécies distintas, que a alma não é senão um Espírito encarnado, e o Espírito uma alma livre dos laços terrestres, que é o mesmo ser nos dois meios diferentes, as faculdades e as aptidões devem ser as mesmas.

O sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, um desligamento parcial, um pé colocado, por antecipação, no mundo espiritual.

A alma encarnada ou o Espírito próprio do sonâmbulo ou do médium pode, pois, fazer, com pouca diferença, o que fará a alma desencarnada, e mesmo mais se ela é mais avançada, com esta diferença de que pela sua libertação completa, sendo mais livre, o desencarnado tem percepções especiais inerentes ao seu estado.

A distinção entre o que, num dado efeito, é produto direto da alma do médium, e o que provém de uma fonte estranha, às vezes é muito difícil de ser feita, porque, frequentemente, essas duas ações se confundem e se corroboram.

Assim é que, nas curas pela imposição de mãos, o Espírito do médium pode agir sozinho ou com a assistência de um outro Espírito; que a inspiração poética ou artística, pode ter uma dupla origem. Mas do fato de uma distinção ser difícil, não se segue que seja impossível.

A dualidade, com frequência, é evidente, e, em todos os casos, ressalta quase sempre de uma observação atenta.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

81. Por onde e como o sonâmbulo vê pessoas e coisas?

Eis algo que ele mesmo não pode definir. Notemos, no entanto, que no estado sonambúlico os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham são essencialmente diferentes daquele que ocorre no estado ordinário.

Na visão a distância, o sonâmbulo não distingue um objeto ao longe como poderíamos fazê-lo através de um binóculo.

Não é, de nenhum modo, esse objeto que se aproxima dele por uma ilusão óptica.

É ele mesmo que se aproxima do objeto.

Ele o vê precisamente como se estivesse ao lado dele; ele mesmo se vê no lugar que observa; em uma palavra, ele se transporta.

Seu corpo, nesse momento, parece aniquilado, sua palavra é mais abafada, o som de sua voz tem alguma coisa de estranha; a vida animal parece se extinguir nele; a vida espiritual está toda inteira no lugar para onde o seu pensamento o transporta; só a matéria fica no mesmo lugar. Há, pois, uma porção de nosso ser que se separa de nosso corpo para se transportar, instantaneamente, através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade.

Essa porção, evidentemente, é imaterial; de outro modo, ela produziria alguns efeitos da matéria; é a essa parte de nós mesmos que chamamos a alma.

Sim, é a alma que dá ao sonâmbulo as faculdades maravilhosas das quais goza; é a alma que, em circunstâncias dadas, se manifesta isolando-se em parte e momentaneamente de seu

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo V)

envoltório corporal. É, pois, na alma que reside, necessariamente, a clarividência, e não em tal ou tal parte circunscrita de nosso corpo.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

82. A chamada segunda vista tem relação com o sonambulismo?

O estado sonambúlico não é uma condição indispensável para que ocorra o fenômeno designado pelo nome de segunda vista.

A segunda vista quase nunca é permanente; em geral, esse fenômeno se produz espontaneamente, em certos momentos, sem ser um efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise que modifica, algumas vezes, sensivelmente o estado físico: o olho tem alguma coisa de vago; parece olhar sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação.

É de notar que as pessoas que dela gozam não suspeitam disso; essa faculdade lhes parece natural como aquela de ver pelos olhos; para elas, é um atributo de seu ser.

Há graus infinitos no poder da segunda vista, desde a sensação confusa, até a percepção tão clara e tão limpa como no sonambulismo.

Falta-nos uma palavra para designar esse estado especial e, sobretudo, os indivíduos que dele são suscetíveis. Tem-se utilizado no caso a palavra vidente, e embora não dê exatamente o pensamento, adotá-la-emos até nova ordem, por falta de melhor.

É esse dom da segunda vista que, no estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, e que se pode chamar a justeza do golpe de vista moral.

Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos, mais desenvolvida ainda, mostra os acontecimentos realizados, ou no ponto de se realizarem; enfim, chega ao seu apogeu, é o êxtase desperto.

Embora seja quase sempre natural e espontâneo, o fenômeno da segunda vista parece produzir-se, mais frequentemente, sob o império de certas circunstâncias.

Os tempos de crise, de calamidade, de grandes emoções, todas as causas, enfim, que superexcitam o moral provocam-lhe o desenvolvimento.

Parece que a Providência, em face dos perigos mais iminentes, multiplica, ao nosso redor, a faculdade de preveni-los.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

Sonâmbulos assalariados

Um de nossos correspondentes nos escreve a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, perguntando se nossas observações também se aplicam aos sonâmbulos assalariados.

Se quisermos remontar à origem do fenômeno, veremos que, embora possa ser considerado como uma variedade de médium, o sonâmbulo é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos, que podem vir ou não, conforme as circunstâncias ou as simpatias que encontram.

O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo. É o seu próprio Espírito que se desprende da matéria e vê mais ou menos bem, conforme o desprendimento seja mais ou menos completo. É verdade que o sonâmbulo se acha em contato com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de boa vontade, em razão de suas simpatias; mas, definitivamente, é o seu Espírito que vê e pode, até certo ponto, dispor de si mesmo, sem que outros tenham o que repetir e sem que seu concurso seja indispensável.

Disso resulta que o sonâmbulo que busca uma compensação material, à custa de um esforço por vezes grande, decorrente do exercício de sua faculdade, não tem de vencer as mesmas susceptibilidades que o médium, que não passa de um instrumento.

Além disso, sabe-se que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício. Ora, aquele que disso faz uma ocupação exclusiva, adquire tanto maior facilidade quanto mais coisas vê, com as quais termina por se identificar, assim como com certos termos especiais que lhe voltam mais facilmente à memória.

Numa palavra, ele se familiariza com esse estado que, por assim dizer, torna-se o seu estado normal: nada mais o surpreende. Os fatos, aliás, estão aí para provar com que presteza e com que clareza podem eles ver, donde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não constitui obstáculo ao desenvolvimento de sua lucidez.

A isso fazem uma objeção. Como a lucidez muitas vezes é variável e depende de causas fortuitas, pergunta-se se a atração do lucro não poderia induzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa, inconveniente que não ocorre quando não há interesse em jogo.

Isso é verdade; respondemos, porém, dizendo que tudo tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo e por toda parte onde si insinua a fraude é necessário desacreditá-la. O sonâmbulo que assim agisse faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também nos que não dormem.

Com um pouco de hábito podemos percebê-lo facilmente, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é nos assegurarmos do grau de confiança que merece a pessoa à qual nos dirigimos. Se o sonâmbulo não assalariado não oferece esse inconveniente, não se deve supor que sua lucidez seja infalível; como qualquer outro, ele pode enganar-se, caso esteja em más condições. A esse respeito a experiência é o melhor guia. Em resumo, não preconizamos ninguém. Chegamos a constatar notáveis serviços por uns e por outros. Nosso objetivo era somente provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e noutra daquelas condições.